

RELATÓRIO SOBRE A VIAGEM À ILHA DO FUNIL PARA CADASTRAMENTO DE ÁREAS
INDÍGENAS

CEDI - P. I. B.
DATA 26, 08, 86
COD. KA/D16

Para mim que estou cursando Sociologia, esta operação se revelou de grande interesse pelo que ela poderia me oferecer de conhecimento na prática daquilo que diariamente vejo em livros e periódicos, e que são os problemas que afligem a comunidade indígena.

Sempre vi com negativa a aproximação do branco nas áreas indígenas. Essa aproximação feita de forma torpe, em nome do sistema capitalista avassalador, não soube respeitar o universo indígena, uma cultura diversa da nossa e com objetivos mais diversos ainda.

Para resguardar a comunidade indígena do avanço desordenado e malféfico do branco, o governo brasileiro criou as áreas indígenas. Isso era o mínimo a ser feito, visto que a terra tem para o índio, além de valor como fator de sobrevivência, um valor quase místico, faz parte do seu Ser.

A política da FUNAI, infelizmente, não consegue evitar certos vícios anteriormente implantados nas áreas indígenas, tais como o paternalismo e o desinteresse pela causa indígena, fazendo com que o índio precise apenas ser tutelado, como se fosse um "inferior". O que acontece então é o que se tem visto recentemente e que é a permanência muito curta dos chefes de posto nas áreas, a maioria se demite com menos de seis anos na área e o que impede um verdadeiro conhecimento da problemática indígena, imprescindível para um trabalho de onde se espera colher bons frutos.

Torna-se louvável, então, trabalhar com elas como as das Irmãzinhas de Jesus, a aldeia Kayapó-AL, onde ~~uma~~ a vida inteira, trinta anos, é dedicada à causa indígena. O que é fundamental neste trabalho delas é o não inculcar "coisas de branco" na cabeça do índio, nem mesmo religião, pois isso por si só poderia ser suficiente para serem religiosas, mas isso absolutamente não ocorre. Seu trabalho se fundamenta em fazer ver ao índio a importância da terra para ele e é implementado todo um trabalho comunitário nas roças, onde elas trabalham juntamente com os índios, de igual para igual. O contato pernicioso do branco já conseguiu fazer com que índios tenham que óculos ray-ban, bicicletas, rádios de pilha e outros acessórios são mais importantes que a terra. Há índios que já nem trabalham na terra abandonando-a à mercê de invasores. O trabalho das Irmãzinhas se fundamentou, então, numa revalorização da terra para a comunidade indígena. Não que ela tenha perdido a importância por algum tempo, mas sua atenção desviada para as utilidades da sociedade capitalista.

Quero então deixar minha sugestão para a FUNAI. Que ela arrebanhe pessoas realmente interessadas na problemática indígena, leigas ou não, seja qual for seu credo político. Pessoas que estejam interessadas muito mais na causa em si do que no bom salário que a FUNAI paga.

Na aldeia de Macaúba as missionárias protestantes conseguem um bom trabalho pedagógico, em língua karajá. Até um livro de Ciências, em língua karajá, está sendo elaborado e falta apenas ser aprovado.

Quanto à viagem, tudo transcorreu bem. Quanto ao grupo que viajou comigo considereei bom e acho até mesquinho comentar certas "rusgas" com certas participantes frente a tudo que vi e aprendi com a comunidade indígena. Pessoalmente enriqueci muito e profissionalmente essa viagem pode até influenciar muito nos rumos que eu tenha que seguir daqui por diante.

Quanto à participação de universitários nesse tipo de operação acho imprescindível. Além de ver na prática o que normalmente só vê na teoria, e nesse tipo de operação muitos desses universitários podem se identificar com a causa que temporariamente estão visitando e observando, podem muito se enriquecer observando uma realidade que não é a sua.

O que eu espero francamente é que outra oportunidade me surja para uma continuação desse trabalho que vimos e que considero de crucial importância para a comunidade indígena.

FLORA GULES

Flora Gules